



PSICANÁLISE

Meg Harris Williams

# O sonho de Bion

*Uma leitura das autobiografias*

**Blucher**

# O SONHO DE BION

*Uma leitura das autobiografias*

Meg Harris Williams

Tradução e notas

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

*All rights reserved.*

*Authorised translation from the English language edition first published by Karnac Books Ltd. and now published by Routledge, a member of the Taylor & Francis Group.*

*O sonho de Bion: uma leitura das autobiografias*

Título original: *Bion's Dream: A Reading of the Autobiographies*

© 2009 Meg Harris Williams

© 2018 Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: Meg Harris Williams

---

# Blucher

---

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Williams, Meg Harris

O sonho de Bion : uma leitura das autobiografias / Meg Harris Williams ; tradução de Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho. – São Paulo : Blucher, 2018. 170 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1309-3 (e-book)

ISBN 978-85-212-1308-6 (impresso)

Título original: *Bion's Dream: A Reading of the Autobiographies*

1. Psicanalistas – Autobiografia 2. Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979 – Autobiografia 3. Psicanálise – Grã-Bretanha – Biografia – História e Crítica I. Título. II. Junqueira Filho, Luiz Carlos Uchôa.

18-0433

CDD 150.1950092

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanalistas – Autobiografia

# Conteúdo

Apresentação à edição brasileira	13
Introdução	15
1. Lembrando	25
2. Sonhando ao reverso: <i>A Memoir of the Future</i>	69
3. O germe em crescimento do pensamento: a influência de Milton e dos poetas românticos sobre Bion	137
Referências	165

# Introdução

Desde a época de *Transformations* (1965), Bion começou a integrar o seu trabalho anterior sobre grupos com sua busca pela compreensão da psique individual, e tornou-se gradualmente claro que esta vem a ser uma busca estética. O indivíduo é ele mesmo um “grupo de pensamentos e sentimentos” e o método da psicanálise é discernir e descrever seus “padrões subjacentes”: “Indago-me o que faço quando tento chamar a atenção de um analisando para um dado padrão” (Bion, 1991, p. 213). No campo dos padrões estéticos, “A psicanálise não passa de uma lista no pelo do tigre. Em última instância, ela pode chegar ao Tigre – a coisa em si mesma, o ‘O’” (p. 112). O “animal feroz, a Verdade Absoluta”, pode não ser capturável, mas os “grandes caçadores” da intuição psicanalítica podem interpretar a partir de vislumbres nebulosos, desde que estejam livres para se entregar a pesadelos e não estarem confinados à “pálida iluminação da luz do dia” (pp. 5, 239).

As narrativas autobiográficas de Bion, *A Memoir of the Future* (1975-1979)<sup>1</sup> e *The Long Week-End* (1982), junto com a sequência,

---

1 *A Memoir of the Future* foi originalmente publicado em três volumes (*The*

*All My Sins Remembered* (1985),<sup>2</sup> são a chave para sua autoanálise dos grupamentos internos e seus padrões mutáveis. Estes livros, portanto, representam os exemplos mais finamente burilados do seu método de ensino. O “modelo da guerra física real” pode ser usado como um roteiro, mas o assunto verdadeiro vem a ser sempre a “guerra da mente”, e dessa “guerra não conseguimos nos libertar” – uma frase proferida “antes que a psicanálise sequer pudesse ter sido imaginada” (Bion, 2005a, p. 93). No final de sua vida, ele se esforçou em apresentar não somente sua história de vida, e não somente seus pensamentos, mas o seu modo de pensar, nos termos de uma conversa interna que pudesse adotar uma forma suficientemente realista, de modo que se tornasse “audível a outras pessoas” (Bion, 1991, p. 113). Sua ambição não era nada menos do que poder dramatizar o próprio processo do pensar: o tipo de pensar que, mesmo imperfeitamente, “molda o pensador”, e cuja realidade é vislumbrada antes na forma mutável de uma mente do que em qualquer teoria, mensagem, ou sumário de experiências.

Olhando retrospectivamente em relação ao seu próprio romance com a psicanálise, Bion (1985) nos conta que, em vez de “sentí-la-no-passado” (“feeling-it-in-the-past”), como fizera com seu primeiro analista,<sup>3</sup> ele percebeu que precisava saber como lidar com seus sentimentos do presente; isso significava retomar o contato

---

*Dream*, 1975; *The Past Presented*, 1977; *The Dawn of Oblivion*, 1979). Em 1981, foi publicado *A Key*, um glossário de termos da trilogia. As referências aqui utilizadas são à edição completa em volume único (Karnac Books, 1991).

2 Em realidade, a autora não mencionou um quarto livro autobiográfico, *War Memoirs* (1997). [N.T.]

3 O primeiro “analista” de Bion, denominado por ele dr. FiP (“Feel-it-in-the-past”), foi identificado como o Dr. J. A. Hadfield, que ele encontrou primeiro no University College e depois na Tavistock. A expressão “sinta-o no passado” parece remeter a uma memória traumática freudiana. [N.T.]

com a sua “centelha de sinceridade” nativa (p. 45). Ele compara a sua mente com uma brasa adormecida aguardando ser reavivada:

*Não interrompa [Bion diz a si próprio]: Estou pensando. Seria útil se eu pudesse buscar por entre fragmentos de minha mente os remanescentes de cinzas daquilo que outrora viera a ser um fogo flamejante, na esperança de revelar algum tesouro que pudesse reconstituir uma valiosa peça de sabedoria, uma centelha no meio das cinzas que pudesse ser soprada numa chama na qual outros pudessem aquecer suas mãos. (p. 31)*

Bion oferece sua própria mente como uma fonte potencial de vitalidade na qual outros poderiam “aquecer suas mãos”, se eles também pudessem buscar a centelha generativa de sinceridade coextensiva – diz ele – com a “bela adormecida” da própria psicanálise.

*The Long Week-End* juntou-se às narrativas clássicas da Primeira Guerra Mundial, sendo fácil de ler e por ela sentir empatia; mas o *Memoir* ainda vem a ser, como Francesca Bion disse, o menos compreendido dos trabalhos de Bion. Como minha mãe, Marta Harris (1980/1987a),<sup>4</sup> escreveu:

*O pensamento intuitivo [de Bion] estava tão na frente daquele de qualquer outra pessoa no nosso campo, que seu efeito seminal só agora começa a ser sentido. É tal o impacto de A Memoir of the Future, que rastreia a mente complexa em ação, falando a partir de múltiplos vértices, ao longo do transcorrer de suas idades – des-*

---

4 Martha Harris tinha sido supervisionanda de Bion.

*de o feto no útero até 77 anos de idade –, apresentando o drama vivo de sua história interna; fascinante, argumentativo, profundo, intrigante, sempre inesperado, às vezes cegamente, mas obviamente verdadeiro. (p. 344)*

O *Memoir*, descrito como um “relato fictício de psicanálise” (Bion, 1991, p. 4), é clara e explicitamente um sonho artificial, buscando uma forma estética num gênero que lhe seja próprio. Vem a ser uma “tentativa psicoembriônica de escrever um relato embriônico-científico de uma jornada do nascimento até a morte” (p. 429). A história cobre um ciclo vital inteiro, e, no entanto, num outro sentido, é como o sonho de William Golding de um homem, *Pincher Martin*, que estava se afogando – poderia ser tomada como sonhada num só instante. Ou como foi formulado por T. S. Eliot:

*Nós possuíamos a experiência, mas não tínhamos o significado*

*E a abordagem em direção ao significado restaura a experiência*

*De uma forma diferente, além de qualquer significado*

*Que possamos atribuir à felicidade.*

(Eliot, “*The Dry Salvages*”, ll. 93-96)

O significado subjaz ao processo como objeto estético – o “drama vivo de uma história interna” –, não os acidentes da vida, mas seus usos como representação metafórica da vida mental. É o significado sonhante que possui um “efeito seminal” e que aciona centelhas em outras pessoas e engaja nelas sua própria “experiência restitutiva” autoanalítica.



Algo dessa qualidade “sonhada” é inerente também às autobiografias mais literais, em contraste com os diários de guerra de Bion, por exemplo. Estes também são essencialmente narrativas internas: como Bion (1982) disse, “eu escrevo sobre ‘mim’” (p. 8). Nisso reside o seu interesse psicológico e universal (distintamente do interesse histórico). Numa peça de diálogo entre vozes internas em *Sins*, Bion (1985) diz:

- *Acho que você produziu uma grande bagunça:*
- *Eu não me importo se o fiz, pois eu não estou contando a história da minha vida. Aqueles que querem escrever a história de sua vida têm um problema: este não é o meu problema. (p. 33)*

A afirmação (feita por uma parte dele mesmo) de que ele *não* está contando a história da sua vida pode parecer obscura, até que reconhecemos que o seu principal interesse ao escrever a narrativa está ligado a poder viver sua vida no presente; como ele explica em algum outro lugar:

*A razão pela qual nós nos ocupamos com coisas que são lembradas, com nossa história passada, não é em função de seu significado passado – se bem que aquilo possa ter tido uma importância intrínseca – mas em função da marca que aquilo deixou em você ou em mim ou em nós agora. (Bion, 1997, p. 38)*

Paradoxalmente quanto possa parecer, é a tal da “marca *agora*” que poderá conferir à história uma chance de perdurar. O que ele está de fato lembrando é o padrão de seu desenvolvimento mental,

uma evolução continuada que envolve estabelecer contato com a criança interna a partir do momento em que ele não era um “rematado idiota” (como ele frequentemente sentia que era, depois de ter mergulhado num estado de “férias permanentes” em relação ao seu “pequeno pobre e ignorante *self*, lá da Índia”). “Acho que eu me lembro, ou imagino – agora já nem sei qual dos dois –, que existia uma época na qual eu não era [um rematado idiota]” (Bion, 1985, p. 32).<sup>5</sup> Quando ele era o “Filhote do Elefante” de “insaciável curiosidade”, era um tipo de idiota diferente, mais shakespeariano, com um apetite de aprendizado;<sup>6</sup> e a redescoberta desse aspecto interno é aquilo que fornece a centelha vital para cada nova história ou jornada espiritual que ele empreende.

Nos próprios fundamentos da história onírica perene reside o acasalamento fantasiado entre os pais internos de Bion. Seu pai, Bion nos conta, “caçava com Jim Corbett”, que era o grande caçador inglês na Índia, portanto, adquire (na realidade interna) algo do seu heroísmo e intuição ambiental – o homem que, como podemos aprender do *Man-Eaters of Kumaon* (1944),<sup>7</sup> vivia numa cesura entre a mente-do-tigre e as mentes humanas, sensível às

---

5 No *Memoir*, Bion (1991) escreve que, independentemente de a instrução de adotar um exoesqueleto tomar a forma de “*couvre-toi de gloire*” ou “*couvre-toi de flanelle*”, ele “se sentiria um idiota de qualquer maneira” (p. 442). As expressões francesas parecem ter sido extraídas de um diálogo do livro *Tartarin de Tarascon*, de Alphonse Daudet, em que um personagem quixotesco exclama “Cubra-se de glória!” e é replicado por um personagem sanchesco que sugere ser mais fácil “Cobrir-se de flanela!”, ou seja, agasalhar-se.

6 Na infância, Wilfred foi comparado ao “Filhote de Elefante” de Kipling, e em *Sims* ele escreve sobre “Eu, o Filhote do Elefante, aquele que não consegue aprender a partir de suas dificuldades” (Bion, 1985, p. 51).

7 Quando adolescente, lembro-me de ter ficado profundamente impressionada por este livro. Portanto, quando deparei com a autobiografia de Bion, as associações positivas e misteriosas sobrepujaram o verniz de extração mortífera do tipo de masculinidade Arfer-Raj que, em certo sentido, mantinha seu pai numa camisa de força.

sublevações emocionais desta fronteira delicada entre selva e moradia. Complementando o pai-caçador na sua paisagem mental está uma fêmea misteriosa, um espírito de tigresa incorporado na sua aia e em sua mãe parte indiana com seus chapéus espalhafatosos. Entreveamos aqui as riquezas escondidas que o capacitava a “aferrar-se à linha de frente” e a sobreviver mentalmente a vários traumas de sua vida.

Quando Bion (1991) especula no *Memoir* com respeito ao corar das paredes do útero que ocorre quando há o acasalamento do esperma com o óvulo (p. 566), o que acontece cada vez que uma nova ideia é concebida, ele está ressonando as origens de sua própria mente, novamente infundida com significado, abdicando de qualquer máscara de respeitabilidade. Pois “Esta é uma tentativa de expressar minha rebelião – de dizer ‘Adeus’ a tudo aquilo” (p. 578). “Adeus” às “falsidades” da sua educação, “prepotentemente” não conformista, às falsidades do kleinianismo-kosher, ao confinamento de todos os tipos de respeitáveis “uniformes de herói” que aprisionam o “germe do pensamento em evolução”.<sup>8</sup> No final de sua vida, portanto, Bion tinha o compromisso de seguir o seu próprio aviso de “abandonar-se” à Ideia-Platônica-da-Psicanálise, encarnada na forma de sua autoanálise. No entanto, aquilo que ele dissera a respeito dos autores que admirava aplica-se também a suas próprias autobiografias: “Como é difícil entender que certos livros não podem ser “lidos” por alguém que não tem a experiência emocional de lê-los. Isto soa tão vagaroso se comparado com a leitura fluente que desliza” (Bion, 1985, p. 178).

Não há razão para irmos diretamente ao final do livro (isto é, à interpretação), como Bion satiriza nos seus pequenos diálogos entre autor e leitor no início e no fim de cada volume do *Memoir*.

---

8 Frase inspirada no *Goodbye to All That*, de Robert Graves (*vide* a Nota 2 do Capítulo 1). [N.T.]

Numa experiência emocional de leitura, precisamos abandonar memória e desejo e, em seu lugar, adquirirmos uma congruência simbólica com a própria história do escritor, para interpretá-la e incorporá-la na nossa própria análise.

Este pequeno livro começou a sua vida como um único capítulo de *The Aesthetic Development* (Williams, 2010), seguindo o espírito de reimprimir ensaios prévios, mas cresceu e ultrapassou o arcabouço que lhe tinha sido conferido. Ele termina com uma discussão de alguns “ancestrais” poéticos de Bion (como ele o chamou), e é uma versão expandida de um ensaio que Luiz Carlos Junqueira Filho (da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo) me pediu para escrever para publicação em português (Williams, 2009). A influência dos poetas na gramática profunda das teorias de Bion tem sido pouco estudada, portanto, pareceu-me útil conferir a essa característica implícita de sua “autobiografia” um capítulo em si, mesmo que não seja totalmente abrangente. Ele nos capacita a retroagir uma geração psíquica em termos da vida da centelha de sinceridade, para observar como os poetas penetraram em Bion, do mesmo modo que Bion (tanto quanto os poetas) penetra em nós. Ele demonstra de que forma os pensamentos são “generativos”, como afirmado pelo grupo “Pós-Natal” no *A Memoir of the Future*.

Acima de tudo, neste livro eu tentei evitar a armadilha da “dependência”, da qual Martha Harris (1978/1987b) nos alertou enquanto Bion ainda estava vivo:

*A estrutura de grupo de dependência frequentemente se manifesta na confiança em relação a uma seleção cristalizada de teorias de Freud (o Messias original), às vezes amontoadas e contrapostas a uma extrapolação semelhante da obra de Melanie Klein (um santo*

*dos tempos recentes). Bion possivelmente não conseguirá escapar a esse mesmo destino. Suas teorias num tal clima de polarização são selecionadas adequadamente e apresentadas para eliminar os essenciais questionamentos, contradições e progressões inerentes nas formulações dos pioneiros que estão constantemente lutando para conceitualizar as observações clínicas que estão fazendo. (p. 328)*

A ilusão de sermos senhores de nosso campo e assim estar na posição de julgar e avaliar é facilmente mantida quando se tem uma respeitabilidade cultural ou acadêmica. Eu não gostaria de participar de uma nova ortodoxia: em vez disso, aqui eu continuei uma busca pessoal iniciada há trinta anos em busca de peças vivas de sabedoria sempre prontas a serem inflamadas por um sopro. Eu quero escrever a respeito de Bion de um modo que poderia somente ser escrito por mim mesma, embora espere que o retrato possa sobrepor-se com aquele de outros leitores. Se levarmos a sério aquilo que Bion diz, é assim que ele gostaria de ser “lembrado”. Essa é a meta de toda escrita séria, incluindo a crítica literária; como Bion constantemente nos lembra, não existem ideias novas – é apenas sua redescoberta e digestão que é nova. Os pensamentos podem existir muito felizmente sem um pensador; somente o pensador é passível de modificação.



*Desde 1985, quando Meg* enfrentou a tarefa espinhosa de detectar os “padrões subjacentes” à trilogia *Uma memória do futuro*, de Bion, sugerindo que expressavam seus processos abstratos de pensamento, sua voz vem adquirindo uma importância excepcional na exegese de sua obra. Articulando com maestria seus conhecimentos sobre estética, literatura e psicanálise, ela produz estudos sólidos e criativos sobre um psicanalista que libertou a psicanálise de seu confinamento autorreferente.

Em linha com esse espírito, Meg criou um diálogo ficcional entre o seio que o amamentou (a Aia indiana) e as vozes polifônicas que povoam a trilogia. Neste livro, Meg se dedica a sonhar os sonhos autobiográficos do próprio Bion, começando com suas lembranças evolutivas, passando por sua busca de “congruências simbólicas” e terminando por um passeio microscópico pela obra dos poetas românticos, um berço propício à germinação de pensamentos.

*Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho*

PSICANÁLISE

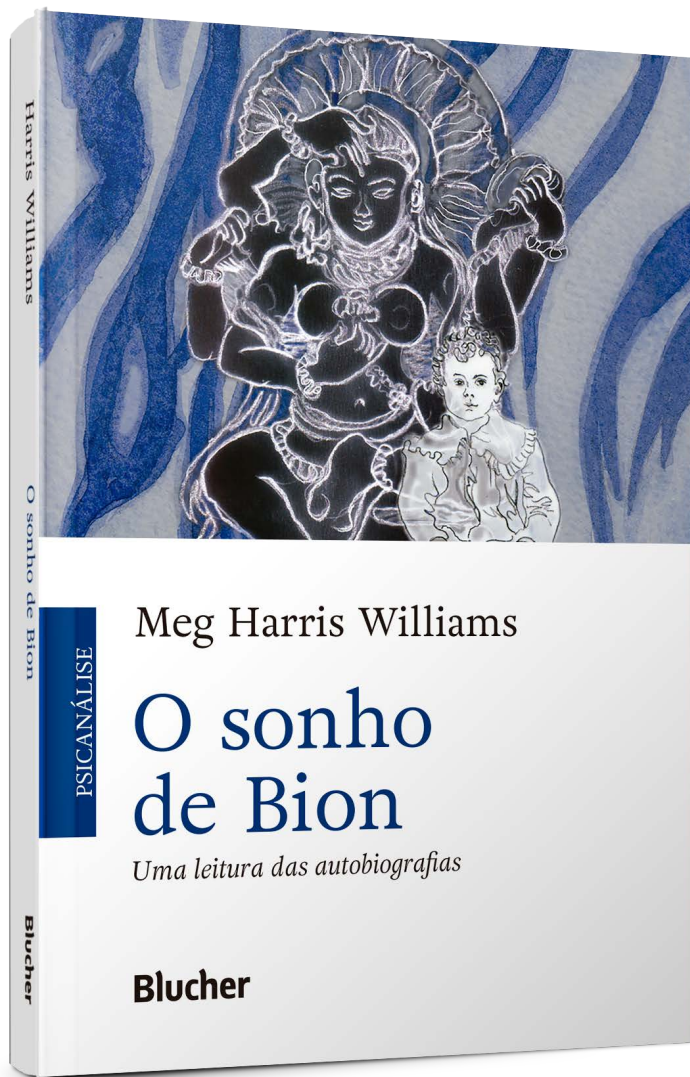
ISBN 978-85-212-1308-6



9 788521 213086

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

# O sonho de Bion

Uma Leitura das Autobiografias

---

**Meg Harris Williams**

ISBN: 9788521213093

Páginas: 170

Formato: 14x21 cm

Ano de Publicação: 2018

---